

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS  
NUCLEO DE AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS**

**RELATÓRIO DE DADOS DA PESQUISA EGRESSOS  
CURSO DE MEDICINA**

**BELO HORIZONTE**

**MAIO DE 2007**

### **Equipe técnica responsável:**

Prof. Geraldo Élvio Magalhães (Coordenador)

Prof. Paulo Henrique Ozório Coelho

Prof. Ronaldo de Noronha

### **Acadêmicos de Ciências Sociais:**

Felipe Nunes dos Santos

(coordenador técnico da equipe de acadêmicos, banco de dados e tabulação, tendo participado como assistente em todas as etapas da pesquisa)

Cássio Felipe Silva Barbosa

(entrevistador, tendo participado como assistente em todas as etapas da pesquisa)

Eliéser de Freitas Ribeiro

(entrevistador, tendo participado como assistente em todas as etapas da pesquisa)

Gabriela Chaves Moraes

(entrevistadora, tendo participado como assistente em todas as etapas da pesquisa)

Guilherme Alberto Rodrigues

(entrevistador, tendo participado como assistente em todas as etapas da pesquisa)

Thiago Rodrigues Silame

(entrevistador, tendo participado como assistente em todas as etapas da pesquisa)

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século passado assistimos a uma mudança expressiva nas políticas de gestão do emprego, em grande parte determinada pela crescente valorização da formação educacional nos processos de admissão e de saída em quase todos os campos empregatícios. Esta aliança entre o emprego e a formação trouxe novas perspectivas aos processos de construção da identidade social na medida em que a escolha da profissão não é mais uma questão exclusivamente educacional. O mercado de trabalho deve ser levado em conta, sobretudo pela sua dependência à dinâmica tecnológica, em grande parte responsável pela oferta de novas especializações e pela exigência de constantes atualizações profissionais.

A escola, mais do que a família, assume uma responsabilidade maior no processo de socialização que conduz à formação dessa identidade social. Não se trata apenas da transmissão de conhecimento, de dar ao aluno os meios necessários à sua formação intelectual e prática. O período escolar em suas diversas etapas é rico em referências à formação profissional. Sucessivos cenários são projetados, quase sempre com a intenção de facilitar ou simplificar o complexo (às vezes traumático) processo de escolha da profissão. Estas orientações escolares, somadas a possíveis influências da família ou de pessoas que sejam tomadas como referência, reforçam e acenam, na maioria dos casos, para a importância da escolha considerando o “status” social futuro.

O ingresso no campo da formação profissional, especializada ou técnica, não é mais, na maioria dos casos, consequência das sucessivas etapas da socialização escolar ou familiar. A herança desses dois agentes, o esforço de cada um em construir uma identidade social, sublinhando a importância da escolha profissional, adquire um peso relativo nas novas gerações face ao papel relevante da individualidade, sua pressão sobre o exercício da autonomia de decisão, momento importante na construção da identidade pessoal. As novas gerações, cientes de sua autonomia, esbarram com a realidade exterior, nem sempre favorável a uma

escolha acertada. Os obstáculos institucionais a serem rompidos para o ingresso no ensino superior e as constantes oscilações da oferta de emprego acentuam os riscos da escolha que podem ainda ser agravados pelas mudanças organizacionais nas empresas (inclusive públicas) e pelos processos de modernização tecnológica, poupadores de mão de obra.

A universidade tem uma missão específica e mais complexa de socialização, se levarmos em consideração que a transmissão da linguagem (prática e discursiva), em suas diversas formas, está indissociável da vida social, num duplo sentido. O conhecimento por ela produzido tem por missão atender demandas da sociedade, entre essas a de formar profissionais competentes no amplo leque de especializações. Esta formação, por sua vez, deve estar revestida de um conteúdo ético capaz de imprimir à atividade profissional o compromisso com a cidadania.

Ao assumir a condição de egresso, o agente encerra o seu ciclo de escolarização permanente e dá início à construção de sua identidade adulta de forma relativamente autônoma e nesse momento é capaz de avaliar o peso das socializações anteriores e seu débito para com elas. O exercício pleno de sua vida profissional obriga-o fazer uso dessa bagagem adquirida, sobretudo aquela proveniente da sua trajetória universitária, mais próxima e de uso mais constante. Esta avaliação permite ao egresso, pela reflexão e pela prática, descobrir possíveis distorções ou falhas provenientes de sua conduta no período de incorporação do conhecimento especializado e verificar se, na sua visão, o sistema escolar respondeu, satisfatoriamente ou não, à dinâmica do mercado de trabalho.

Além dessas dimensões relacionadas à sua inserção no mercado de trabalho, a pesquisa permite uma avaliação por parte do egresso de outras referentes ao próprio curso, como estrutura curricular, infraestrutura, corpo docente, e sua trajetória profissional.

Assim sendo, a pesquisa realizada com os egressos permite obter informações importantes e úteis para a formulação de políticas internas de avaliação continuada dos cursos de graduação.

O grupo de pesquisadores tinha pela frente um enorme desafio: entrevistar ex-alunos da UFMG para traçar seu perfil acadêmico e profissional, além de promover uma avaliação da própria UFMG, através de seus egressos. Várias as dificuldades a enfrentar. O longo tempo entre a formação da primeira coorte de alunos estudada e a última, a dificuldade para localizar os ex-alunos, e, a maior dentre todas as dificuldades, realizar uma entrevista que durava cerca de quinze minutos por telefone. A grande questão era convencer os entrevistados de que se tratava de uma pesquisa institucional promovida pela UFMG, no intuito de avaliar o impacto das mudanças curriculares na vida acadêmica e profissional dos alunos desta instituição. Muitos eram os que pensavam ser um trote ou alguém agindo de má fé para obter informações pessoais. Graças a um roteiro de apresentação e a possibilidade de contato institucional dos egressos com a UFMG, esta primeira barreira foi rompida.

Torna-se necessário elucidar um pouco o processo de entrevistas dos egressos do curso de medicina da UFMG. Como eram médicos, muitas entrevistas se deram em horários difíceis: por volta das 23 hs, horário de almoço e finais de semana, tendo em vista que a grande maioria atendia em consultório no horário comercial e geralmente tinha uma agenda lotada.

Outra dificuldade de se entrevistar médicos era convencer as suas secretárias. Muitas levantavam objeções e dificultavam o acesso aos médicos, mas muitas também foram parceiras importantes para que a entrevista ocorresse.

Um aspecto interessante a se ressaltar é a percepção da importância que a UFMG teve na sua formação profissional: um número considerável de médicos afirmou que ter feito medicina na UFMG facilitou-lhes a inserção no mercado profissional. Vários médicos se sentiram lisonjeados em responder a uma entrevista, através da qual eles poderiam ajudar a UFMG a avaliar o curso e a lhe promover melhorias.

Pode-se mencionar que os médicos foram muito solícitos com a pesquisa e não houve qualquer contratempo, a não ser o de se conseguir um horário para entrevistá-los.

Os egressos entrevistados em cada ano de formatura foram selecionados pelo processo de amostragem aleatória. Possíveis discrepâncias entre os totais nas tabelas se devem ao fato de as categorias “não se aplica” ou “não respondeu” não terem sido computadas.

## 1. Informações sobre ocupações e empregos atuais

**Tabela 1 – Você trabalha como médico atualmente?**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	7	2,87
<b>Sim</b>	237	97,13
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100</b>

A imensa maioria dos entrevistados exerce a profissão de médico: 237 do total de 244 egressos do curso de medicina da UFMG, o que corresponde em termos percentuais a 97% dos entrevistados.

**Tabela 2 – Tipos de relação de trabalho**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Empregado setor público</b>	53	22,3
<b>Empregado setor privado</b>	31	13,0
<b>Autônomo sem convênio</b>	13	5,5
<b>Autônomo com convenio</b>	16	6,7
<b>Autônomo com e sem convenio</b>	101	42,4
<b>Empresário</b>	24	10,1
<b>Total</b>	<b>238</b>	<b>100</b>

A maioria dos 238 respondentes trabalha como autônomo, atendendo a convênios e particulares, totalizando 55%, sendo que 35% trabalham como empregados, seja no setor público, seja no privado. Médicos que possuem atividades como empresários da área de saúde totalizam 24 casos, o que corresponde a 10% dos casos.

**Tabela 3 – Você teve outra ocupação além da medicina?**

	N	%
Não	212	88,0
Sim	29	12,0
NA	1	-
NR	2	-
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100 (241)</b>

Apenas 29 entrevistados, em um total de 241 que responderam a esta pergunta, disseram ter exercido outra profissão que não a medicina, o que corresponde a 12%.

**Tabela 4 – Percepção do prestígio da profissão de médico aos olhos da sociedade hoje em relação à época em que se ingressou na universidade.**

	N	%
Perdeu prestígio	194	79,5
Manteve prestígio	41	16,8
Ganhou prestígio	9	3,7
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100</b>

**Tabela 5 - Vale a pena ser médico?**

	N	%
Não	20	8,2
Sim	223	91,8
NR	1	-
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100 (243)</b>

As tabelas 4 e 5 oferecem informações relevantes. Oito em cada dez médicos julgam que a sua profissão perdeu prestígio social. No entanto, essa mesma proporção julga que, ainda assim, vale a pena ser médico. O contraste entre o próprio julgamento a respeito da profissão, e a percepção que eles próprios têm do que os outros acham disso é flagrante.

**Tabela 6 - Renda individual mensal (categorizada)**

	N	%
Até R\$ 2.000	10	4,3
R\$ 3.000	13	5,7
R\$ 4.000	32	13,9
R\$ 5.000	39	17,0
R\$ 6.000	25	10,9
R\$ 7.000	22	9,6
Acima de R\$ 7.000	89	38,7
NR	14	-
	<b>244</b>	<b>100 (230)</b>

A tabela acima indica que 41% dos egressos têm renda igual ou inferior a R\$ 5.000,00. Dos que têm renda acima de R\$ 5.000,00, 39% detêm renda acima de R\$ 7.000,00.

A distribuição de renda, quando vista pela ótica das coortes, apresenta uma clara diferenciação de mercado, como é possível observar pela tabela abaixo. Mais renda corresponde a mais tempo no mercado de trabalho: os egressos em 1980 têm pouco mais de 3% com renda de R\$ 3.000,00 ou menos, contra pouco mais de 26% dos de 2000. Da mesma forma, os egressos de 1980 tinham pouco mais de 49% com renda acima de R\$ 7.000,00, contra apenas 12% dos de 2000.

**Tabela 7 - Renda individual mensal por coorte**

		N	%			N	%
<b>1980</b>	<b>R\$ 2.000</b>	1	1,7	<b>1985</b>	<b>R\$ 2.000</b>	-	
	<b>R\$ 3.000</b>	1	1,7		<b>R\$ 3.000</b>	2	4,1
	<b>R\$ 4.000</b>	9	15,3		<b>R\$ 4.000</b>	3	6,1
	<b>R\$ 5.000</b>	6	10,2		<b>R\$ 5.000</b>	9	18,4
	<b>R\$ 6.000</b>	8	13,6		<b>R\$ 6.000</b>	6	12,2
	<b>R\$ 7.000</b>	5	8,5		<b>R\$ 7.000</b>	7	14,3
	<b>Acima de R\$ 7.000</b>	29	49,2		<b>Acima de R\$ 7.000</b>	22	44,9
	<b>NR</b>	5	-		<b>NR</b>	2	-
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100 (59)</b>	<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>100 (49)</b>		



		N	%			N	%
<b>1990</b>	<b>R\$ 2.000</b>	3	6,3	<b>1995</b>	<b>R\$ 2.000</b>	-	-
	<b>R\$ 3.000</b>	4	8,3		<b>R\$ 3.000</b>	3	7,5
	<b>R\$ 4.000</b>	4	8,3		<b>R\$ 4.000</b>	7	17,5
	<b>R\$ 5.000</b>	9	18,8		<b>R\$ 5.000</b>	5	12,5
	<b>R\$ 6.000</b>	5	10,4		<b>R\$ 6.000</b>	4	10
	<b>R\$ 7.000</b>	6	12,5		<b>R\$ 7.000</b>	4	10
	<b>Acima de R\$ 7.000</b>	17	35,4		<b>Acima de R\$ 7.000</b>	17	42,5
<b>NR</b>	4	-	<b>NR</b>	1	-		
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100 (48)</b>	<b>Total</b>	<b>41</b>	<b>100 (40)</b>		

		N	%
<b>2000</b>	<b>R\$ 2.000</b>	6	17,6
	<b>R\$ 3.000</b>	3	8,8
	<b>R\$ 4.000</b>	9	26,5
	<b>R\$ 5.000</b>	10	29,4
	<b>R\$ 6.000</b>	2	5,9
	<b>R\$ 7.000</b>	-	-
	<b>Acima de R\$ 7.000</b>	4	11,8
<b>NR</b>	2	-	
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100 (34)</b>	

**Tabela 8 – Estar trabalhando na profissão por avaliação de ser médico**

		O Sr/Sra está trabalhando como médico atualmente?		Total
		Não	Sim	
<b>Vale a pena ser médico?</b>	<b>Não</b>	N	2	20
		%	28,6	8,2
	<b>Sim</b>	N	5	223
		%	71,4	91,8
<b>Total</b>		N	<b>7</b>	<b>243</b>
		%	<b>100</b>	<b>100</b>

O sentimento de que vale a pena ser médico é alto tanto entre os que trabalham quanto os que não trabalham na profissão, embora este sentimento seja maior entre os que estão trabalhando.

**Tabela 9- Relação de trabalho por avaliação de ser médico**

		Vale a pena ser médico?		Total	
		Não	Sim		
Qual a sua relação de trabalho?	Empregado setor público	N	6	46	52
		%	11,5	88,5	100
	Empregado setor privado	N	0	31	31
		%	-	100	100
	Autônomo sem convênio	N	0	13	13
		%	-	100	100
	Autônomo com convênio	N	1	15	16
		%	6,3	93,8	100
	Autônomo com e sem convênio	N	7	93	100
		%	7	93	100
	Empresário	N	3	21	24
		%	12,5	87,5	100
	<b>Total</b>	<b>N</b>	17	219	236
		<b>%</b>	7,2	92,8	100

Praticamente a totalidade dos médicos que trabalham como autônomos e no setor privado julgam valer a pena ser médico. Aqueles que menos julgam que vale a pena ser médico estão entre os que trabalham no setor público ou, curiosamente, são empresários (12% e 13%, respectivamente).

**Tabela 10- Relação de trabalho por renda**

			Renda Mensal Individual						Total	
			R\$ 2.000	R\$ 3.000	R\$ 4.000	R\$ 5.000	R\$ 6.000	R\$ 7.000		Acima R\$ 7.000
Qual a sua relação de trabalho?	Empregado	N	8	4	11	8	8	3	10	52
	setor público	%	15,4	7,7	21,2	15,4	15,4	5,8	19,2	100
	Empregado	N	0	0	2	7	2	1	17	29
	setor privado	%	0	0	6,9	24,1	6,9	3,4	58,6	100
	Autônomo sem convênio	N	0	1	3	0	3	1	5	13
		%	0	7,7	23,1	0	23,1	7,7	38,5	100
	Autônomo com convênio	N	0	3	2	4	1	0	6	16
		%	0	18,8	12,5	25	6,3	0	37,5	100
	Autônomo com e sem convênio	N	0	4	14	19	9	14	33	93
		%	0	4,3	15,1	20,4	9,7	15,1	35,5	100
	Empresário	N	1	0	0	1	2	3	17	24
		%	4,2	0	0	4,2	8,3	12,5	70,8	100
	<b>Total</b>	N	9	12	32	39	25	22	88	227
		%	4	5,3	14,1	17,2	11	9,7	38,8	100

Nada surpreendente que aqueles que são empresários sejam também os que tendem a ter melhores rendimentos. Abaixo deles seguem aqueles que trabalham para o setor privado. Em contraste, os que tendem a auferir menores rendas são aqueles que trabalham para o setor público.

**Tabela 11- Percepção do prestígio da profissão médica por avaliação de ser médico**

			Vale a pena ser médico?		Total
			Não	Sim	
Qual a sua opinião sobre o prestígio da profissão de médico aos olhos da sociedade hoje em relação a época em que você ingressou na universidade?	Perdeu	N	19	174	193
	prestígio	%	9,8	90,2	100,0
	Manteve	N	1	40	41
	prestígio	%	2,4	97,6	100,0
	Ganhou	N	0	9	9
	prestígio	%	-	100,0	100,0
	<b>Total</b>	N	20	223	243
		%	8,2	91,8	100,0

A quase totalidade dos que julgam que aos olhos da sociedade a profissão de médico manteve ou ganhou prestígio julgam que vale a pena ser médico. Já um em cada dez que julgam que a profissão perdeu prestígio julga que não vale a pena ser médico.

**Tabela 12- Renda por percepção do prestígio da profissão**

		Qual a sua opinião sobre o prestígio da profissão de médico aos olhos da sociedade hoje em relação à época em que você ingressou na universidade?			Total	
		Perdeu prestígio	Manteve prestígio	Ganhou prestígio		
Qual dos valores a seguir mais se aproxima de sua renda individual mensal hoje?	R\$ 2.000	N	9	1	0	10
		%	90,0	10,0	-	100,0
	R\$ 3.000	N	12	1	0	13
		%	92,3	7,7	-	100,0
	R\$ 4.000	N	24	5	3	32
		%	75,0	15,6	9,4	100,0
	R\$ 5.000	N	26	12	1	39
		%	66,7	30,8	2,6	100,0
	R\$ 6.000	N	19	6	0	25
		%	76,0	24,0	-	100,0
	R\$ 7.000	N	15	7	0	22
		%	68,2	31,8	-	100,0
	Acima de R\$ 7.000	N	77	7	5	89
		%	86,5	7,9	5,6	100,0
	Total	N	182	39	9	230
		%	79,1	17,0	3,9	100,0

A percepção negativa a respeito do julgamento da sociedade sobre a profissão parece estar associada aos baixos rendimentos na profissão: 90% e 92%, respectivamente, dos que ganham R\$ 2.000,00 ou R\$ 3.000,00 julgam que a profissão perdeu prestígio. O curioso é que, a seguir, os que mais consideram negativamente o julgamento da sociedade são os que recebem acima de R\$ 7.000,000 (87%).

## 2. Informações sobre a Formação Profissional

**Tabela 13 – Tipo de escola onde se completou o Ensino Médio (2º grau), por coorte de egressos**

		<b>N</b>	<b>%</b>
<b>1980</b>	Escola privada	38	59,4
	Escola pública	26	40,6
	<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100,0</b>
<b>1985</b>	Escola privada	34	66,7
	Escola pública	17	33,3
	<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>100,0</b>
<b>1990</b>	Escola privada	39	75,0
	Escola pública	13	25,0
	<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100,0</b>
<b>1995</b>	Escola privada	37	90,2
	Escola pública	4	9,8
	<b>Total</b>	<b>41</b>	<b>100,0</b>
<b>2000</b>	Escola privada	27	75,0
	Escola pública	9	25,0
	<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100,0</b>

A tabela 13 mostra em que tipo de instituição os entrevistados concluíram o segundo grau (ensino médio). Constata-se uma tendência à diminuição no número de alunos oriundos da escola pública no curso de medicina da UFMG, ao longo do tempo. Para os alunos que terminaram o curso de medicina em 1980 havia 26 alunos oriundos de escola pública, o que correspondia a 40,6% do total. Os anos de 1985, 1990 e 1995 apresentam quedas constantes no percentual de alunos oriundos da escola pública entre os egressos do curso de medicina (33%, 25%, e 10%, respectivamente). A coorte de 2000, entretanto, apresenta um aumento em relação às 3 coortes anteriores (25%), sem alcançar, contudo, o patamar de 1980 (41%).

**Tabela 14 – Realização de estudos de pós-graduação *stricto sensu*, por coorte de egressos**

		N	%
1980	Não	50	78,1
	Sim	14	21,9
<b>Total</b>		<b>64</b>	<b>100,0</b>
1985	Não	40	78,4
	Sim	11	21,6
<b>Total</b>		<b>51</b>	<b>100,0</b>
1990	Não	38	73,1
	Sim	14	26,9
<b>Total</b>		<b>52</b>	<b>100,0</b>
1995	Não	27	73,0
	Sim	10	27,0
<b>Total</b>		<b>37</b>	<b>100,0</b>
2000	Não	30	83,3
	Sim	6	16,7
<b>Total</b>		<b>36</b>	<b>100,0</b>

Percebe-se uma discreta tendência de crescimento ao longo do tempo no número de egressos que se dirigiram a estudos de pós-graduação *stricto sensu*: dos 64 alunos de medicina que se formaram em 1980, apenas 14 realizaram estudo de pós-graduação *stricto sensu*, ou seja, 22%. Em relação à coorte de 1985, dos 51 entrevistados, apenas 11 prosseguiram seus estudos no mestrado e ou doutorado, o que corresponde a 22%. A coorte de 1990 apresenta um aumento com relação ao número de egressos que continuaram a carreira acadêmica, já que dos 52 entrevistados desta coorte 14 fizeram pós-graduação *stricto sensu*, o que corresponde a 27% deste total. As coortes de 1995 e 2000 apresentam respectivamente 24% e 17% de egressos que continuaram seus estudos acadêmicos. Essa discrepância em relação à coorte de 1995 e de 2000 se deve provavelmente à menor distância entre a formatura e suas condições atuais, levando-os ainda, possivelmente, a futuras decisões.

### Tabela 15 – Áreas do mestrado

	N	%
Especialidades Médicas	31	73,8
Epidemiologia e Saúde Pública	5	11,9
Outras	6	14,3
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100,0</b>

Do total de 42 egressos que fizeram mestrado, 74% deles optaram pelas especialidades médicas. Apenas 5 egressos optaram por um mestrado na área de epidemiologia ou saúde pública, o que corresponde a 12% do total.

### Tabela 16 – Instituição do mestrado

	N	%
UFMG	34	81,0
Outras Públicas	3	7,1
Outras Privadas	5	11,9
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100,0</b>

Dos 42 alunos egressos do curso de medicina da UFMG que fizeram o mestrado, 34 continuaram seus estudos na UFMG, o que corresponde a um percentual de 81% deste total. Outra informação importante é que 12% dos egressos fizeram o mestrado em outra instituição de ensino superior privada.

### Tabela 17– Cidade do mestrado

	N	%
BH	36	85,7
Cidades Brasileiras	6	14,3
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100</b>

Dos 42 egressos, 36 realizaram seus estudos em Belo Horizonte. Ou seja, 86% dos egressos que fizeram mestrado permaneceram em BH.

### Tabela 18 – Tempo de duração do mestrado

	N	%
1	6	16,7
2	18	50,0
3	8	22,2
4	4	11,1
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100,0</b>

Verifica-se que 50% dos egressos realizaram o mestrado em 2 anos.

### Tabela 19 – Situação do mestrado

	N	%
Interrompido	3	7,1
Em realização	7	16,7
Concluído	32	76,2
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100,0</b>

Dos 42 alunos egressos do curso de medicina da UFMG que realizaram mestrado 3 interromperam os estudos, o que corresponde a 7% do total. À época da pesquisa 7 deles ainda estavam cursando o mestrado, tal número correspondendo a 17% do total. Dos 42 alunos egressos, 32 haviam concluído seu mestrado, o que corresponde a 76%.

### Tabela 20 – Áreas do doutorado

	N	%
Especialidades Médicas	19	67,9
Epidemiologia e Saúde Pública	1	3,6
Outras	8	28,6
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>100,0</b>

A tabela 20 mostra a área em que o egresso do curso de medicina da UFMG fez seu doutorado. Apenas 11,5% dos 244 egressos do curso de medicina da UFMG fizeram o doutorado o que corresponde a 28 ex-alunos. Destes, 19 optaram por um doutorado em especialidades médicas. Este número corresponde a 68%. Apenas um egresso optou por doutorado na área de Epidemiologia e Saúde Pública, o que corresponde a 4% do total.



## Tabela 21 – Instituição do doutorado

	N	%
<b>UFMG</b>	17	60,7
<b>Outras Públicas</b>	8	28,6
<b>Outras Privadas</b>	3	10,7
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>100,0</b>

Dos 28 alunos egressos do curso de medicina da UFMG que fizeram o doutorado, 17 continuaram seus estudos na UFMG, o que corresponde a um percentual de 61% , contra 29% que fizeram o doutorado em outra instituição de ensino superior pública.

## Tabela 22 – Cidade do doutorado

	N	%
<b>BH</b>	21	75
<b>Cidades Brasileiras</b>	7	25
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>100</b>

Dos 28 entrevistados egressos do curso de medicina da UFMG que fizeram o doutorado, 21 realizaram seus estudos em Belo Horizonte. Ou seja, 75% dos egressos que fizeram doutorado o fizeram em Belo Horizonte.

## Tabela 23 – Tempo de permanência no doutorado

	N	%
<b>1</b>	1	3,7
<b>2</b>	6	22,2
<b>3</b>	4	14,8
<b>4</b>	8	29,6
<b>5</b>	7	25,9
<b>6</b>	1	3,7
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>100,0</b>

Dos egressos entrevistados, 1 ainda não terminou seu doutoramento; 8 concluíram-no em 4 anos e 8 só o fizeram em 5 anos ou mais.

## **Tabela 24 – Realização de estudos de especialização**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	14	5,7
<b>Sim</b>	230	94,3
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>

Dos 244 egressos do curso de medicina da UFMG, 230 (94%) cursaram algum tipo de curso de especialização, conforme mostra a tabela acima.

## **Tabela 25 – Situação da especialização**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Interrompido</b>	6	2,6
<b>Em realização</b>	1	0,4
<b>Concluído</b>	221	96,5
<b>Total</b>	<b>228</b>	<b>100,0</b>

Dos 229 egressos que cursaram especialização, 221 concluíram seus estudos, o que corresponde a 97%. Apenas 3% interromperam seus estudos.

## **Tabela 26 – Ter cursado ou estar cursando outra graduação**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	215	92,7
<b>Sim</b>	17	7,3
<b>Total</b>	<b>232</b>	<b>100,0</b>

A tabela 26 informa sobre quantos dos egressos do curso de medicina da UFMG estão cursando ou já cursaram outra graduação. De um total de 232 entrevistados que responderam a esta pergunta, apenas 17 fizeram ou estavam cursando outra graduação, o que corresponde a 7% dos entrevistados.

**Tabela 27 – Situação do outro curso de graduação**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Interrompido</b>	5	29,4
<b>Em realização</b>	2	11,8
<b>Concluído</b>	10	58,8
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

Dos 17 entrevistados que responderam ter cursado ou estar cursando outra graduação, 5 interromperam o estudo, 2 estavam cursando e 10 haviam concluído.

### **3. Avaliação do Curso de Medicina**

**Tabela 28 – Ser médico formado na UFMG facilitou sua inserção no mercado profissional?**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	43	17,8
<b>Sim</b>	198	82,2
<b>Total</b>	<b>241</b>	<b>100,0</b>

Em um universo de 241 entrevistados que responderam a esta questão, 198 consideraram que ser médico formado na UFMG facilitou sua inserção no mercado profissional, o que corresponde a 82% do total dos entrevistados.

**Tabela 29 – Avaliação do currículo do curso**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Muito ruim</b>	2	0,8
<b>Ruim</b>	16	6,6
<b>Bom</b>	162	66,4
<b>Muito bom</b>	64	26,2
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>

O currículo do curso é positivamente avaliado por 93% dos egressos (categorias bom e muito bom). Menos de 1% considerou o currículo muito ruim.

**Tabela 30- Avaliação do currículo do curso de medicina por coorte**

		N	%
<b>1980</b>	<b>Muito ruim</b>	1	1,6
	<b>Ruim</b>	4	6,3
	<b>Bom</b>	43	67,2
	<b>Muito bom</b>	16	25,0
	<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100,0</b>
<b>1985</b>	<b>Muito ruim</b>	0	-
	<b>Ruim</b>	3	5,9
	<b>Bom</b>	35	68,6
	<b>Muito bom</b>	13	25,5
	<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>100,0</b>
<b>1990</b>	<b>Muito ruim</b>	0	-
	<b>Ruim</b>	3	5,8
	<b>Bom</b>	34	65,4
	<b>Muito bom</b>	15	28,8
	<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100,0</b>
<b>1995</b>	<b>Muito ruim</b>	1	2,4
	<b>Ruim</b>	5	12,2
	<b>Bom</b>	28	68,3
	<b>Muito bom</b>	7	17,1
	<b>Total</b>	<b>41</b>	<b>100,0</b>
<b>2000</b>	<b>Muito ruim</b>	0	-
	<b>Ruim</b>	1	2,8
	<b>Bom</b>	22	61,1
	<b>Muito bom</b>	13	36,1
	<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100,0</b>

Da mesma forma, o currículo do curso é em geral muito bem avaliado pelos egressos de cada coorte. Há uma discreta tendência temporal a uma avaliação mais positiva do currículo do curso, tendência essa interrompida em 1995, quando os egressos fizeram a avaliação mais baixa (85% entre bom e muito bom).

**Tabela 31 – Avaliação da relação da escola com o mercado de trabalho**

	N	%
<b>Muito ruim</b>	29	12,1
<b>Ruim</b>	100	41,7
<b>Boa</b>	83	34,6
<b>Muito boa</b>	28	11,7
<b>Total</b>	<b>240</b>	<b>100,0</b>

No entanto, só 46% dos entrevistados julgaram o currículo adequado ao mercado de trabalho, contra 54% que consideraram a adequação ruim ou muito ruim. Mais interessante ainda é o fato de que, na tabela 28 acima, 82% dos entrevistados julgaram que o fato de terem se formado na UFMG facilitou sua inserção no mercado de trabalho. Esta é uma questão que merecerá aprofundamento no desdobramento desta pesquisa. A metodologia de *Grupos Focais*<sup>1</sup>, a ser trabalhada futuramente, poderá elucidar tal aparente contradição.

---

<sup>1</sup> A técnica de grupos focais consiste em uma entrevista feita coletivamente com pequenos grupos selecionados aleatoriamente, de forma presencial, abordando temas de interesse dos pesquisadores. Está prevista a realização desta técnica com alguns grupos de egressos do curso de Medicina da UFMG.

**Tabela 32- Avaliação da relação da escola com o mercado de trabalho por coorte**

		N	%
<b>1980</b>	<b>Muito ruim</b>	4	6,3
	<b>Ruim</b>	24	37,5
	<b>Boa</b>	30	46,9
	<b>Muito boa</b>	6	9,4
	<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100,0</b>
<b>1985</b>	<b>Muito ruim</b>	10	19,6
	<b>Ruim</b>	24	47,1
	<b>Boa</b>	12	23,5
	<b>Muito boa</b>	5	9,8
	<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>100,0</b>
<b>1990</b>	<b>Muito ruim</b>	5	10,0
	<b>Ruim</b>	22	44,0
	<b>Boa</b>	17	34,0
	<b>Muito boa</b>	6	12,0
	<b>Total</b>	<b>50</b>	<b>100,0</b>
<b>1995</b>	<b>Muito ruim</b>	6	15,4
	<b>Ruim</b>	18	46,2
	<b>Boa</b>	10	25,6
	<b>Muito boa</b>	5	12,8
	<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>100,0</b>
<b>2000</b>	<b>Muito ruim</b>	4	11,1
	<b>Ruim</b>	12	33,3
	<b>Boa</b>	14	38,9
	<b>Muito boa</b>	6	16,7
	<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100,0</b>

A mesma tendência a uma avaliação negativa com relação a este item aqui também se manifesta. Ressalte-se, entretanto, que a avaliação negativa nas coortes de 1985 e 1995 alcançam respectivamente 67% e 62%.

**Tabela 33 – Avaliação da residência feita na UFMG**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Muito ruim</b>	2	2,4
<b>Ruim</b>	6	7,2
<b>Boa</b>	29	34,9
<b>Muito boa</b>	46	55,4
<b>Total</b>	<b>83</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 34 –Avaliação da residência feita em outra instituição**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Muito ruim</b>	2	1,3
<b>Ruim</b>	3	2,0
<b>Boa</b>	74	49,7
<b>Muito boa</b>	70	47,0
<b>Total</b>	<b>149</b>	<b>100,0</b>

As tabelas 33 e 34 trazem o resultado da avaliação pelos egressos de sua residência, dentro e fora da UFMG. Na sua imensa maioria, os egressos avaliaram positivamente a sua residência médica. Há que se ressaltar que os que a fizeram fora do âmbito da UFMG avaliaram-na de forma discretamente superior aos que a fizeram internamente: 97% contra 90%

**Tabela 35 -Avaliação da biblioteca do curso**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Muito ruim</b>	10	4,1
<b>Ruim</b>	28	11,5
<b>Boa</b>	130	53,3
<b>Muito boa</b>	76	31,1
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 36 - Avaliação dos equipamentos do curso**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Muito ruins</b>	8	3,3
<b>Ruins</b>	54	22,4
<b>Bons</b>	136	56,4
<b>Muito bons</b>	43	17,8
<b>Total</b>	<b>241</b>	<b>100,0</b>

Nas tabelas 35 e 36, encontram-se os resultados de avaliação pelos egressos da infra-estrutura do curso de medicina (Biblioteca e equipamentos). Ambos os itens foram bem avaliados: 84% e 74% os consideraram, respectivamente, bons ou muito bons.

**Tabela 37 - A maioria do corpo docente era competente?**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	15	6,1
<b>Sim</b>	229	93,9
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 38 - A maioria dos professores demonstrava dedicação e interesse?**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	38	15,6
<b>Sim</b>	206	84,4
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 39 - A maioria dos professores tinha uma boa relação com os alunos?**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	14	5,7
<b>Sim</b>	230	94,3
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>



As tabelas de números 37 a 39 apresentam os resultados da avaliação pelos egressos do corpo docente, no que se refere à sua competência, ao seu interesse, à sua dedicação, e ao seu relacionamento com os alunos. Em todas essas dimensões, os professores do curso de medicina foram bem avaliados: respectivamente, 94%, 84% e 94% os consideraram positivamente.

**Tabela 40 – Avaliação da formação básica (estudos no ICB)**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Muito ruim</b>	2	0,8
<b>Ruim</b>	25	10,2
<b>Boa</b>	133	54,5
<b>Muito boa</b>	84	34,4
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 41 - Importância da formação básica (estudos no ICB)**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nada importante</b>	3	1,2
<b>Pouco importante</b>	25	10,2
<b>Importante</b>	103	42,2
<b>Muito importante</b>	113	46,3
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>

As tabelas 40 e 41 mostram a avaliação pelos egressos do curso de medicina da UFMG com relação à formação básica realizada no ICB. De forma coerente, dos 244 entrevistados, 217 responderam que a formação básica foi boa e muito boa, o que corresponde a 89% dos entrevistados, e 216 (88,5%) consideraram-na importante ou muito importante.

**Tabela 42 - Avaliação da formação técnica na graduação em medicina**

	N	%
Muito ruim	7	2,9
Ruim	20	8,2
Boa	136	55,7
Muito boa	81	33,2
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>

Também de forma coerente, 217 (89%) dos egressos avaliaram positivamente a sua formação técnica na Faculdade de Medicina.

**Tabela 43 - Avaliação da formação em áreas conexas na graduação em medicina**

	N	%
Muito ruim	50	22,9
Ruim	105	48,2
Boa	48	22,0
Muito boa	15	6,9
<b>Total</b>	<b>218</b>	<b>100,0</b>

Com relação à formação em áreas conexas ao curso de medicina da UFMG, 155 avaliaram negativamente tal formação, perfazendo 71% dos entrevistados. Esta é uma outra questão aparentemente intrigante, que só a técnica de *grupos focais* poderá esclarecer satisfatoriamente.

**Tabela 44 – Quanto o curso de medicina contribuiu para que se desenvolvesse auto-disciplina**

	N	%
Nada	14	5,8
Pouco	74	30,6
Muito	154	63,6
<b>Total</b>	<b>242</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 45– Quanto o curso de medicina contribuiu para que se desenvolvesse a capacidade de se adaptar a mudanças**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nada</b>	11	4,6
<b>Pouco</b>	53	22,1
<b>Muito</b>	176	73,3
<b>Total</b>	<b>240</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 46 – Quanto o curso de medicina contribuiu para que se desenvolvesse a capacidade de se trabalhar em equipe**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nada</b>	12	5,0
<b>Pouco</b>	68	28,2
<b>Muito</b>	161	66,8
<b>Total</b>	<b>241</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 47 – Quanto o curso de medicina contribuiu para que se desenvolvesse a capacidade de liderança**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nada</b>	33	13,7
<b>Pouco</b>	117	48,5
<b>Muito</b>	91	37,8
<b>Total</b>	<b>241</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 48– Quanto o curso de medicina contribuiu para que se desenvolvesse um comportamento ético**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nada</b>	4	1,6
<b>Pouco</b>	41	16,9
<b>Muito</b>	198	81,5
<b>Total</b>	<b>243</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 49– Quanto o curso de medicina contribuiu para que se desenvolvesse a capacidade de se tomar decisões**

	N	%
<b>Nada</b>	14	5,8
<b>Pouco</b>	55	22,6
<b>Muito</b>	174	71,6
<b>Total</b>	<b>243</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 50 – Quanto o curso de medicina contribuiu para que se desenvolvesse o interesse em se buscar novos conhecimentos**

	N	%
<b>Nada</b>	3	1,2
<b>Pouco</b>	34	14,0
<b>Muito</b>	206	84,8
<b>Total</b>	<b>243</b>	<b>100,0</b>

As tabelas de números 44 a 50 traduzem os resultados de uma bateria de questões na entrevista que buscaram detectar a percepção dos egressos a respeito da oportunidade, durante o curso, de aquisição ou desenvolvimento de algumas habilidades, competências e atitudes: auto-disciplina, adaptação a mudanças, trabalho em equipe, desenvolvimento de liderança, atitude ética, tomada de decisões e busca de novos conhecimentos. De maneira geral, os egressos avaliaram de forma positiva o curso de medicina, sendo que em todos o itens, ele foi avaliado como tendo propiciado boas condições para o desenvolvimento de tais aptidões (sempre acima de 63% avaliaram positivamente, com exceção para o item *capacidade de liderança*, com 38%). Destaque para *comportamento ético* (82%) e *busca de novos conhecimentos* (85%).

## 4. PERFIL DOS ENTREVISTADOS

**Tabela 51 – Idade**

	N	
		177
	Missing	67
<b>Média</b>		42,3
<b>Mediana</b>		43,0
<b>Moda</b>		39,0
<b>Desvio-padrão</b>		7,1
<b>Variancia</b>		49,7
<b>Mínimo</b>		28,0
<b>Máximo</b>		60,0
<b>Percentis</b>	<b>25</b>	37,5
	<b>50</b>	43,0
	<b>75</b>	48,0

A média de idade dos alunos egressos do curso de medicina da UFMG é de 42 anos, sendo que o entrevistado mais novo na época da entrevista estava com 28 anos de idade e o mais velho com 60 anos. Se observarmos a moda perceberemos que a idade de 39 anos foi a que apareceu com maior frequência.

**Tabela 52– Sexo**

	N	%
<b>Masculino</b>	157	64,3
<b>Feminino</b>	87	35,7
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>

A tabela 52 mostra a proporção de homens e mulheres. Dos 244 entrevistados pela pesquisa pode-se perceber a presença de 157 homens e 87 mulheres, o que corresponde respectivamente a 64% e 36% dos entrevistados.

### Tabela 53 - Sexo por coorte

		N	%
1980	Masculino	46	71,9
	Feminino	18	28,1
	<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100,0</b>
1985	Masculino	34	66,7
	Feminino	17	33,3
	<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>100,0</b>
1990	Masculino	33	63,5
	Feminino	19	36,5
	<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100,0</b>
1995	Masculino	23	56,1
	Feminino	18	43,9
	<b>Total</b>	<b>41</b>	<b>100,0</b>
2000	Masculino	21	58,3
	Feminino	15	41,7
	<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100,0</b>

É nítido o aumento na proporção de mulheres no curso de medicina a cada coorte examinada: de 28% em 1980 para 42% em 2000.

### Tabela 54 – Raça/cor dos entrevistados

	N	%
<b>Branco</b>	191	78,9
<b>Pardo</b>	51	21,1
<b>Total</b>	<b>242</b>	<b>100,0</b>

Dos 242 entrevistados que responderam a esta questão na pesquisa, 191 responderam serem brancos e 51 se auto-declararam pardos. Tais números correspondem a 79% e 21% dos entrevistados. Como utilizamos a classificação do IBGE, as categorias de cor preta, amarela ou indígena também compunham opções de resposta para o entrevistado, mas a soma destas outras categorias corresponde a menos de 1% do total.

## **Tabela 55 – Cidade de nascimento dos entrevistados**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Capital</b>	120	49,2
<b>Não capital</b>	124	50,8
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>

A tabela 55 mostra que a maioria, por pequena margem, dos egressos do curso de medicina da UFMG nasceu em cidades do interior, a maioria em Minas Gerais: Observaram-se 124 casos dentre os 244 entrevistados, o que corresponde a 51%.

## **Tabela 56 – Estado de nascimento dos entrevistados**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Minas Gerais</b>	226	92,6
<b>Outros Estados</b>	18	7,4
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>

Constata-se que a maioria dos ex-alunos do curso de medicina nasceu no Estado de Minas Gerais. Observam-se 226 casos, o que corresponde a 93% dos entrevistados.

## **5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ex-aluno da escola de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais em 64% dos casos é do gênero masculino, e em 78% dos casos se declara branco. Com relação à idade, possui em média 42 anos de idade e nasceu em sua grande maioria no estado de Minas Gerais (93%). Dos egressos entrevistados 59% deles recebem rendimentos mensais superiores a R\$5.000,00.

Com relação à trajetória profissional dos ex-alunos de medicina da UFMG, percebemos que a maioria concluiu o ensino médio (2º grau) em instituições de ensino privado. Dos egressos do curso de medicina da UFMG 17% fizeram o mestrado e 12% fizeram o doutorado. Em ambos os casos a

continuidade dos estudos superiores se deu na área de especialização médica. Percebemos ainda que 94% dos entrevistados fizeram alguma especialização.

Na época em que foi realizada a pesquisa, 97% dos entrevistados exerciam a profissão de médico. A maioria atua como profissional autônomo atendendo a convênios e particulares. Para cerca de 82% dos entrevistados ser médico formado pela UFMG facilitou a inserção profissional no mercado de trabalho. Os egressos avaliam de forma positiva o impacto que o curso exerceu no desenvolvimento de algumas características importantes para o desempenho profissional. A maioria dos entrevistados respondeu que o curso de medicina da UFMG possibilitou o desenvolvimento de autodisciplina, capacidade de se adaptar a mudanças, capacidade de trabalhar em equipe, capacidade de liderança, comportamento ético, capacidade de tomar decisões e interesse em adquirir novos conhecimentos. Com relação ao currículo do curso de medicina, a avaliação positiva alcançou aproximadamente 92% dos entrevistados.

A residência médica realizada na UFMG também foi avaliada de forma positiva. Dos egressos que realizaram sua residência na UFMG 71% consideraram a residência boa ou muito boa.

Os ex-alunos avaliaram de forma positiva a biblioteca e os equipamentos a que tinham acesso durante o curso. Entretanto a avaliação da relação entre escola e mercado de trabalho foi negativa. Em um total de 240 entrevistados, 29 consideram a relação muito ruim e 100 consideram ruim. Os valores percentuais somados correspondem a 54% dos entrevistados que responderam a esta pergunta.

Com relação ao corpo docente percebemos também uma avaliação positiva feita pelos egressos do curso de medicina. Os professores em sua maioria foram considerados competentes, dedicados e interessados no exercício da docência e mantinham uma boa relação com os alunos.

Com relação aos estudos básicos realizados no ICB, 88% dos entrevistados consideraram importantes ou muito importantes tais estudos e a maioria considerou ter tido uma boa formação neste instituto.

A formação técnica realizada na Faculdade de Medicina também foi avaliada positivamente pelos egressos (89%).



Com relação à profissão de médico, aproximadamente 80% dos egressos percebem que, aos olhos da sociedade, esta perdeu prestígio. Contudo, 92% dos egressos entrevistados afirmaram que vale a pena exercer a profissão de médico.

## **6. ANEXO METODOLÓGICO**

Se houvesse que sintetizar o trabalho realizado na pesquisa entre os anos de 2005 e 2007 poder-se-ia fazê-lo da seguinte forma: A pesquisa egressos contou com a participação de 5 entrevistadores e 1 coordenador de campo para realização das entrevistas pelo telefone, além, é claro, dos professores responsáveis. O trabalho de campo, que englobou a localização dos egressos e as entrevistas em si, durou 11 meses (de abril de 2005 a fevereiro de 2006). Após esse período, os bancos de dados foram alimentados com os 970 questionários aplicados para os cursos de medicina, direito, ciências sociais, geografia e ciências biológicas. Por fim, passou-se à conferência dos bancos de dados e à elaboração dos relatórios quantitativos.

Esse trabalho, sumarizado anteriormente, dividiu-se nas seguintes etapas: Construção da amostra (amostragem), Elaboração dos questionários, Preparação para a entrevista (treinamento dos aplicadores), A localização dos entrevistados via telefone, A entrevista por telefone, Conferência das entrevistas, Criação dos bancos de dados, Digitação (alimentação dos bancos), Tabulação dos dados, Análise descritiva.

O primeiro trabalho da equipe foi selecionar os indivíduos que seriam entrevistados. Foi feita uma amostragem probabilística aleatória sistemática tendo como universo de referência uma listagem disponibilizada pelo DRCA com o nome e alguns dados (endereço, telefone, ano de formatura) dos egressos dos cinco cursos pesquisados. Com a lista em mãos foi possível, primeiro, calcular o tamanho da amostra utilizando a fórmula para amostras finitas, apresentada abaixo.

**Fórmula para cálculo de amostras com populações finitas  
( N ≤ 100.000)**

$$n = \frac{z^2 \cdot p \cdot q \cdot N}{(N - 1) \cdot e^2 + z^2 \cdot p \cdot q}$$

Onde:

p = 0,50

q = 1 – p = 0,50

z = para um nível de confiabilidade de 95% = 1,96

e = erro padrão ≤ 0,05

N = tamanho da população

O resultado do cálculo e os valores do universo estão dispostos abaixo<sup>1</sup>:

**Tabela de cursos de graduação por número de egressos e amostra final**

<b>Cursos</b>	<b>1980</b>	<b>1985</b>	<b>1990</b>	<b>1995</b>	<b>2000</b>	<b>UNIVERSO</b>	<b>AMOSTRA</b>
Ciências Biológicas/Diurno	32	38	82	84	85	-	-
Ciências Biológicas/Noturno	----	----	----	----	25	346	200
Ciências Sociais	41	32	52	29	39	193	150
Direito	205	207	279	253	303	1247	250
Geografia/Diurno	18	29	36	35	32	-	-
Geografia/Noturno	----	----	----	----	23	173	120
Medicina	346	304	317	299	324	1590	250

O próximo passo foi dividir os cursos por coortes de forma a se obter representatividade para esses grupos de egressos. Essa etapa é fundamental tendo em vista que um dos objetivos da pesquisa era captar a avaliação dos ex-alunos em relação ao seu currículo escolar. Sem a referência temporal por coorte seria impossível aos colegiados saber qual currículo estava sendo avaliado, já que eles podem sofrer reformas ao longo do tempo.

A divisão em coortes levou em conta o percentual de indivíduos formados em cada grupo. Ou seja, considerou-se a proporcionalidade de egressos.

O próximo passo foi a discussão para a elaboração dos questionários, instrumental de coleta de dados imprescindível nesse caso. Tomou-se como referência o questionário que havia sido aplicado nas primeiras etapas da Pesquisa Egressos, ainda sob a coordenação dos professores Mauro Mendes Braga e Maria do Carmo de Lacerda Peixoto. Perceberam-se algumas lacunas nesse questionário, sobretudo, nas questões de caracterização dos

<sup>1</sup> Alguns resultados amostrais foram corrigidos para garantir a possibilidade de comparação entre as coortes. Por exemplo, o caso das ciências sociais. Com um universo de 193 egressos a amostra poderia ser de 128 entrevistados, no entanto, esse pequeno contingente impossibilitaria a comparação entre as coortes já que o “n” (número de casos) seria pouco significativo.

entrevistados. Era preciso aperfeiçoar essa ferramenta, e foi o que foi feito. Incluíram-se outras questões relevantes para o desenvolvimento do trabalho, como as perguntas sobre “raça do entrevistado”, “escolaridade dos pais”, “bolsas ou auxílios recebidos durante a graduação” e “identificação profissional”. Ao mesmo tempo, utilizando a experiência de trato com os aspectos cognitivos da metodologia de survey, reformularam-se muitas questões para tentar lhes dar melhor consistência e construir melhor o dado através do questionário<sup>2</sup>. Ao final do trabalho, o questionário ficou dividido da seguinte maneira: módulos de (1) perfil, (2) background familiar, (3) carreira profissional e estudantil, (4) continuidade dos estudos, (5) avaliação do curso, e (6) avaliação da UFMG, módulos esses reorganizados de outra forma no relatório.

Para se garantir confiabilidade, todos os questionários passaram por pré-testes. Foram selecionados alguns egressos que não caíram na amostra para participar do pré-teste já por telefone. Cada questionário foi pré-testado 4 vezes. Essa etapa serviu, ainda, como treinamento para os aplicadores.

Vale ressaltar a existência de uma ficha de controle na capa do questionário. Todos eles tinham uma ficha onde os aplicadores podiam registrar o número de ligações realizadas, o número de contatos estabelecidos e a hora e a data exata da aplicação do questionário.

Concomitante à construção dos questionários, houve a localização dos contatos para a realização das entrevistas. Infelizmente, a UFMG não faz um acompanhamento sistemático dos alunos que aqui se formam. Os registros como endereço e telefone estão, em sua maioria, completamente defasados, o que exigiu um trabalho de busca exaustivo. Outro obstáculo ao uso dos telefones dos ex-alunos informados pelo DRCA foi a recente privatização das telefônicas, o que aqui em Minas Gerais resultou na troca de linhas telefônicas da antiga TELEMIG para a atual TELEMAR.

Diante desse desafio, a estratégia mais eficaz para encontrar os egressos foi, quando havia, buscar essas informações junto aos conselhos ou sindicatos profissionais. Foi esse o caso dos cursos de medicina, direito e ciencias biológicas. Tanto o Conselho Regional de Medicina, quanto a Ordem

---

<sup>2</sup> Como não é possível descrever com absoluta precisão esse momento do trabalho, ficam disponibilizadas as versões finais dos questionários em anexo para consulta.

dos Advogados do Brasil seção Minas Gerais forneceram uma base extensa com as informações de seus membros, dentro os quais encontravam-se os egressos procurados. O Conselho Regional de Biologia também auxiliou bastante já que foi possível fazer a pesquisa por contatos dentro dos arquivos da associação. Além dessa primeira estratégia, também utilizaram-se os arquivos de pós-graduação da Universidade para encontrar o contato telefônico. Obviamente, essa não foi uma estratégia muito eficaz já que, além do problema evidente da baixa taxa de alunos que realizam estudos de pós-graduação, também observa-se defasagem nos dados.

Também foram utilizadas a busca nas listas telefônicas disponíveis na internet, a base de dados do currículo lattes, e a página de busca do google. Em alguns casos, o contato por e-mail com o próprio entrevistado foi o meio de conseguir seu telefone para contato.

É preciso relatar ainda um dos maiores problemas que a pesquisa teve, advindo dessa criativa busca por informações de pessoas que formaram na UFMG há até 20 anos atrás. Uma taxa de cerca 30% dos nomes encontrados tinham homônimos, o que acabou ampliando o tempo e o custo da pesquisa. Às vezes, foi preciso ligar para cinco pessoas com o mesmo nome para poder identificar qual delas era a “dona Maria” procurada.

O trabalho de campo *stricto sensu* começou depois que os questionários já estavam prontos e os contatos estabelecidos. E fez parte dessa etapa o treinamento da equipe de aplicadores. Todos os estagiários contratados para a realização do trabalho tinham experiência em aplicação de questionários face-a-face e com a logística de surveys domiciliares. Mas não havia expertise em surveys pelo telefone. Era outro desafio a ser vencido. Havia uma boa equipe de pesquisadores, já que contavam com um pre-requisito importantíssimo para uma pesquisa via telefone: tinham ótima dicção e boa desenvoltura ao telefone.

Contou-se, também, com um antigo coordenador do setor de telemarketing da TELEMAR na equipe. Essa feliz coincidência foi fundamental para os primeiros trabalhos. Ele elaborou, inclusive, uma apresentação formal para a abordagem pelo telefone. Além disso, gastou-se algum tempo discutindo-se melhores formas de se introduzir a entrevista e técnicas para se evitar rejeições de resposta. Esse treinamento acabou sendo uma das surpresas mais agradáveis do trabalho. Devido ao nível de insegurança na sociedade

brasileira, a abordagem pelo telefone acabou sendo muito problemática. A maioria das pessoas não estava segura de que se tratava exatamente de uma pesquisa da UFMG. Foi preciso desenvolver toda uma prática para convencer os egressos de que não se tratava de trote ou venda de produtos.

Um fator facilitador para a aceitação da entrevista foi a ordem em que as perguntas estavam no questionários. A entrevista era iniciada com perguntas mais gerais e não comprometedoras. Só ao final questões como “renda” e “raça” eram feitas.

Também fez parte do treinamento dos aplicadores algumas recomendações no sentido de se tomar o máximo de cuidado com detalhes da entrevista que poderiam comprometer o trabalho, por exemplo: como os aplicadores trabalhavam em casa, era preciso que o telefone estivesse alocado em local silencioso não permitindo que cães ou crianças atrapalhassem o desenrolar da aplicação comprometendo a confiabilidade do trabalho.

Agora, com relação ao trabalho de campo propriamente dito: essa foi a etapa do trabalho que durou o maior tempo para ser concluída. Todos os cinco aplicadores recebiam tabelas de campo<sup>3</sup> que orientavam a busca por egressos pelo telefone.

A próxima etapa do trabalho consistiu, então, no contato que os aplicadores tem que fazer com os egressos. Esse foi um trabalho que exigiu muito esforço já que não foi fácil nem encontrar os entrevistados, nem convencê-los a participar da pesquisa. Para que um egresso fosse encontrado e convencido a participar da pesquisa eram gastos em média 5 minutos. Em alguns casos específicos, consultavam-se familiares, amigos e até secretárias para tentar agenda a entrevista.

Assim que o contato era estabelecido e o egresso convencido a participar, iniciava-se a entrevista. As entrevistas variaram de 5 a 45 minutos, mas a média era a realização do trabalho em, aproximadamente, 10 minutos. O questionário foi elaborado para facilitar a conversa pelo telefone de forma a evitar o tédio da entrevista e permitir que o ex-aluno pudesse expressar suas opiniões e percepções. Durante os 11 meses de trabalho houve pouquíssimos problemas relacionados à entrevista e, quando houve, tiveram de ser dirimidos

---

<sup>3</sup> Em anexo, um exemplo de tabela de campo utilizada durante a pesquisa.

pela coordenação de campo, o que facilitou a conclusão dessa importante etapa.

Após as entrevistas, a coordenação de campo e os aplicadores se reuniam às sextas-feiras para fazer a conferência dos questionários. Todas as folhas eram repassadas uma a uma para garantir que as informações passadas estavam inteligíveis. Além dessa correção, o coordenador de campo selecionava 2 questionários de cada aplicador por mês e retornava a ligação conferindo alguns dados fundamentais que garantiriam a realização da entrevista. Depois disso, o questionário era tabulado e ficava pronto para a sua digitalização.

Foram construídos cinco bancos de dados, um para cada curso, utilizando o pacote estatístico SPSS 11.0. Esses bancos foram alimentados pelos próprios aplicadores assim que todos os questionários foram conferidos. O processo de digitação foi acompanhado de perto pela coordenação de campo de forma a garantir a menor perda possível de informações. Depois dos bancos prontos, conferiram-se as informações e a consistência dos dados. Os erros foram corrigidos e passou-se à última etapa do trabalho.

Diante dos resultados retirados dos bancos de dados, iniciou-se a construção dos relatórios quantitativos. Neles, foram apresentados os resultados do trabalho e analisados alguns temas de relevância para a Universidade. A fase final desse trabalho gerou cinco relatórios analítico-descritivos e um conjunto de bancos de dados que estarão disponíveis para serem academicamente trabalhados por interessados.

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO DE MEDICINA  
**RELATÓRIO DE QUESTIONÁRIOS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

## **PESQUISA EGRESSOS UFMG 1980/2000**

**NOME DO ENTREVISTADOR:** \_\_\_\_\_

**Nº DO QUESTIONÁRIO:** [\_\_\_\_][\_\_\_\_][\_\_\_\_][\_\_\_\_]

**CURSO:** **MEDICINA**

**DATA DA APLICAÇÃO:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2005

**TEMPO DE DURAÇÃO:** \_\_\_\_\_ MINUTOS

	<b>SITUAÇÃO</b>	<b>TELEFONE</b>	<b>DATA</b>	<b>HORA</b>
<b>1º CONTATO</b>				
<b>2º CONTATO</b>				
<b>3º CONTATO</b>				
<b>4º CONTATO</b>				
<b>5º CONTATO</b>				

## **1. IDENTIFICAÇÃO E CONTATOS**

1.1 Data de Nascimento: ____ / ____ / ____		
1.2 Local de Nascimento	1.2.1 Cidade	
	1.2.2 Estado	
	1.2.3 País	
1.3 Concluiu o 2º grau em	(1) Escola Privada	(2) Escola Pública
1.4 Graduação	1.4.1 Ano de início	
	1.4.2 Ano de conclusão	
1.5 Sexo	(1) Masculino	(2) Feminino
1.6 Informações sobre o Pai	1.6.1 Profissão	
	1.6.2 Ocupação	
1.7 Informações sobre a Mãe	1.7.1 Profissão	
	1.7.2 Ocupação	

## **2. ESTUDOS DE PÓS-GRADUAÇÃO**

2.1 Realizou estudo de pós-graduação "stricto sensu" (mestrado ou doutorado)?		
(0) Não <i>PULAR PARA 2.4</i> (1) Sim		
2.2 Mestrado	2.2.1 Area	
	2.2.2 Instituição	
	2.2.3 Cidade	
	2.2.4 Estado	
	2.2.5 País	
	2.2.6 Ano de Início	
	2.2.7 Ano de conclusão	
	2.2.8 Situação	(0) Interrompido (1) Em realização (2) Concluído



2.3 Doutorado	2.3.1 Area	
	2.3.2 Instituição	
	2.3.3 Cidade	
	2.3.4 Estado	
	2.3.5 País	
	2.3.6 Ano de Início	
	2.3.7 Ano de conclusão	
	2.3.8 Situação	(0) Interrompido (1) Em realização (2) Concluído

2.4 Você cursou algum tipo de especialização?
(0) Não <i>PULAR PARA 2.5</i> (1) Sim

Area	Instituição	Cidade	Estado	País	Ano de início	Ano de conclusão (ou interrupção)	Situação		
							(0) Interrompido	(1) Em realização	(2) Concluído

2.5 Realizou ou está realizando outro curso de graduação?
(0) Não <i>PULAR PARA 3.1</i> (1) Sim

Informações sobre outra graduação (se mais de uma, anotar a mais recente):	
2.5.1 Curso	
2.5.2 Instituição	
2.5.3 Cidade	
2.5.4 Estado / País	
2.5.5 Ano de início	
2.5.6 Ano de conclusão	
2.5.7 Situação	(0) Interrompido
	(1) Em realização
	(2) Concluído

### 3. ATIVIDADES PROFISSIONAIS

3.1 O Sr./Sra. Está trabalhando como médico atualmente?	
(0) Não (1) Sim <i>PULAR PARA 3.3</i>	
3.2 Por que?	(1) Aposentado(a)
	(2) Dona(o) de Casa
	(3) Desempregado
	(4) Outra: _____
3.3 Onde (em quais locais) você exerce sua profissão?	

3.4 Neste(s) local(is) sua relação de trabalho é de (PODE MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA):

		ESPECIALIDADE
(1) Empregado setor público		
(2) Empregado setor privado		
(3) Autônomo (trabalha em clínica particular)	(a) sem convênio	
	(b) com convênio	
	(c) os dois	
(4) Empresário (proprietário de hospital, clínica ou laboratório)		

3.5 O Sr./Sra. tem ou teve outra ocupação além da medicina?

(0) Não PULAR PARA 4.1 (1) Sim

3.5.1 Qual?

3.5.2 Quando (ano)?	
---------------------	--

#### 4. **MERCADO DE TRABALHO**

4.1 Ser médico formado na UFMG facilitou sua inserção profissional?	
(0) Não	(1) Sim
4.2 Quanto o curso de medicina contribuiu para que o Sr./Sra. desenvolvesse as seguintes qualidades?	

Habilidades e competências	Contribuiu		
	(0) Nada	(1) Pouco	(2) Muito
4.2.1 Autodisciplina			
4.2.2 Capacidade de se adaptar às mudanças			
4.2.3 Capacidade de trabalhar em equipe			
4.2.4 Capacidade de liderança			
4.2.5 Comportamento ético			
4.2.6 Capacidade de tomar decisões			
4.2.7 Interesse em buscar novos conhecimentos			

#### 5. **Avaliação do curso**

5.1 Avalie os itens a seguir, referentes ao seu curso de graduação:

Itens Avaliados	Avaliação			
	(3) Muito Bom	(2) Bom	(1) Ruim	(0) Muito Ruim
5.1.1 Currículo				
5.1.2 Residência na UFMG				
5.1.3 Residência em outra Instituição				
5.1.4 Biblioteca				
5.1.5 Equipamentos				
5.1.6 Relação escola e mercado de trabalho				

5.2 Avaliação do corpo docente, referente ao seu curso de graduação:

5.2.1 A maioria do corpo docente era competente?	(0) Não (1) Sim
5.2.2 A maioria dos professores demonstrava dedicação e interesse?	(0) Não (1) Sim
5.2.3 A maioria dos professores tinha uma boa relação com os alunos?	(0) Não (1) Sim

5.3 Tendo em vista a sua atividade profissional (médica) atual, como o Sr./Sra. Avalia os seguintes aspectos de sua formação na graduação em MEDICINA?

5.3.1 Formação básica (estudos realizados no ICB)	(3) Muito Bom	(2) Bom	(1) Ruim	(0) Muito Ruim
5.3.2 Qual o grau de importância dos estudos realizados no ciclo básico do ICB?	(0) Nada Importante	(1) Pouco Importante	(2) Importante	(3) Muito Importante
5.3.3 Formação técnica? (na faculdade de medicina)	(0) Muito Ruim	(1) Ruim	(2) Boa	(3) Muito Boa
5.3.4 Formação em áreas conexas (conhecimentos em outras áreas como exatas, humanas, etc...)	(0) Muito Ruim	(1) Ruim	(2) Boa	(3) Muito Boa

## 6. Conclusão

6.1 Qual a sua opinião sobre o prestígio da profissão de médico aos olhos da sociedade hoje em relação à época em que você ingressou na universidade?	(0) Perdeu prestígio	
	(1) Manteve Prestígio	
	(2) Ganhou prestígio	
6.2 Vale a pena ser médico?	(0) Não	
	(1) Sim	
6.3 Qual dos valores a seguir mais se aproxima de sua <b>renda individual</b> mensal hoje?	R\$ 1.000.00	
	R\$ 2.000.00	
	R\$ 3.000.00	
	R\$ 4.000.00	
	R\$ 5.000.00	
	R\$ 6.000.00	
	R\$ 7.000.00	
6.4 Qual é a sua raça?	Acima de R\$ 7.000.00	
	(1) Branco	
	(2) Preto	
	(3) Pardo	
	(4) Amarelo	
	(5) ou Indígena?	

## TABELA DE CAMPO 1 - ENTREVISTAS EGRESSOS

**CURSO:** CIENCIAS SOCIAIS

**ANO/FORMATURA:** 1980/1985

**Nº DE QUESTIONÁRIOS:** 30

1	19801	CIENCIAS SOCIAIS	ANTONIO DE PADUA GOMES PIMENTEL	Rua Henrique Gorceix, 528 ap 304	Padre eustaquio	BELO HORIZONTE	MG	3413-3552
2	19801	CIENCIAS SOCIAIS	APIO COSTA ROSA	Rua Castelo Moura, 267	Castelo	BELO HORIZONTE	MG	3476-8332
3	19801	CIENCIAS SOCIAIS	CARLOS EDUARDO VILACA	Rua Belarmino Nunes Silva, 101	Alvorada	Monte Azul	MG	3811-1123
4	19801	CIENCIAS SOCIAIS	ERNESTO PASSOS DE ANDRADE	Rua Ramalhete, 55	CENTRO	BELO HORIZONTE	MG	3225-7021
9	19801	CIENCIAS SOCIAIS	MARCIA DE SOUSA ARAUJO	Alair Marques Rodrigues, 812 ap 202	Santa Amélia	BELO HORIZONTE	MG	34411844
11	19801	CIENCIAS SOCIAIS	MARIA HELENA MACHADO DE SOUZA	Rua Luiz Pinto Silva, 136	Vi Minalda	Cataguases	MG	34212356
12	19801	CIENCIAS SOCIAIS	MARY GUIMARAES PINTO	Av Flávio Santos, 202 ap 1003	Floresta	BELO HORIZONTE	MG	3482-5382
15	19801	CIENCIAS SOCIAIS	NAIR MARIA MACHADO SOUTO	Rua Nunes Vieira, 435 ap 804	Santo Antônio	BELO HORIZONTE	MG	3344-3058
20	19802	CIENCIAS SOCIAIS	CRISOSTON TERTO VILAS BOAS	Rua Pitanguí, 915 lj	Concórdia	BELO HORIZONTE	MG	3423-1280
22	19802	CIENCIAS SOCIAIS	EDGARD BANDEIRA	Av Álvares Cabral, 340 ap 606	.Centro	BELO HORIZONTE	MG	3222-5286